

SYLVIA ORTHOF

Ilustrações: Constança Lucas



GUARDACHUVANDO DOIDEIRAS

**CAPÍTULOS CURTÍSSIMOS PRA QUEM
TEM PREGUIÇA DE LER, ORA!**

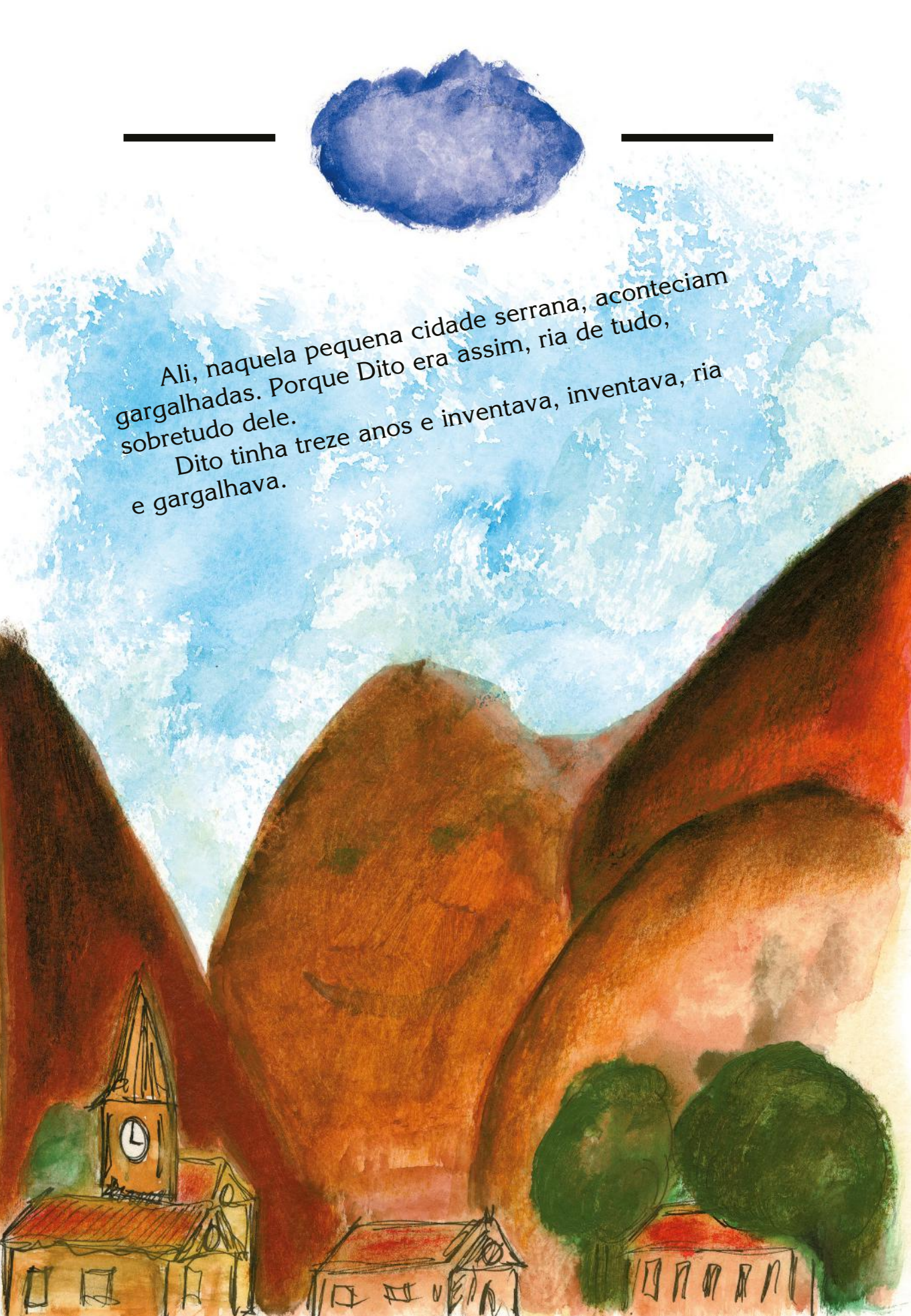
17ª edição



 **Atual
Editora**



*Um grande guarda-chuva
para os amigos petropolitanos
Bete, Sérgio, Lucas e... bebê
chegante.*



Ali, naquela pequena cidade serrana, aconteciam gargalhadas. Porque Dito era assim, ria de tudo, sobretudo dele.

Dito tinha treze anos e inventava, inventava, ria e gargalhava.

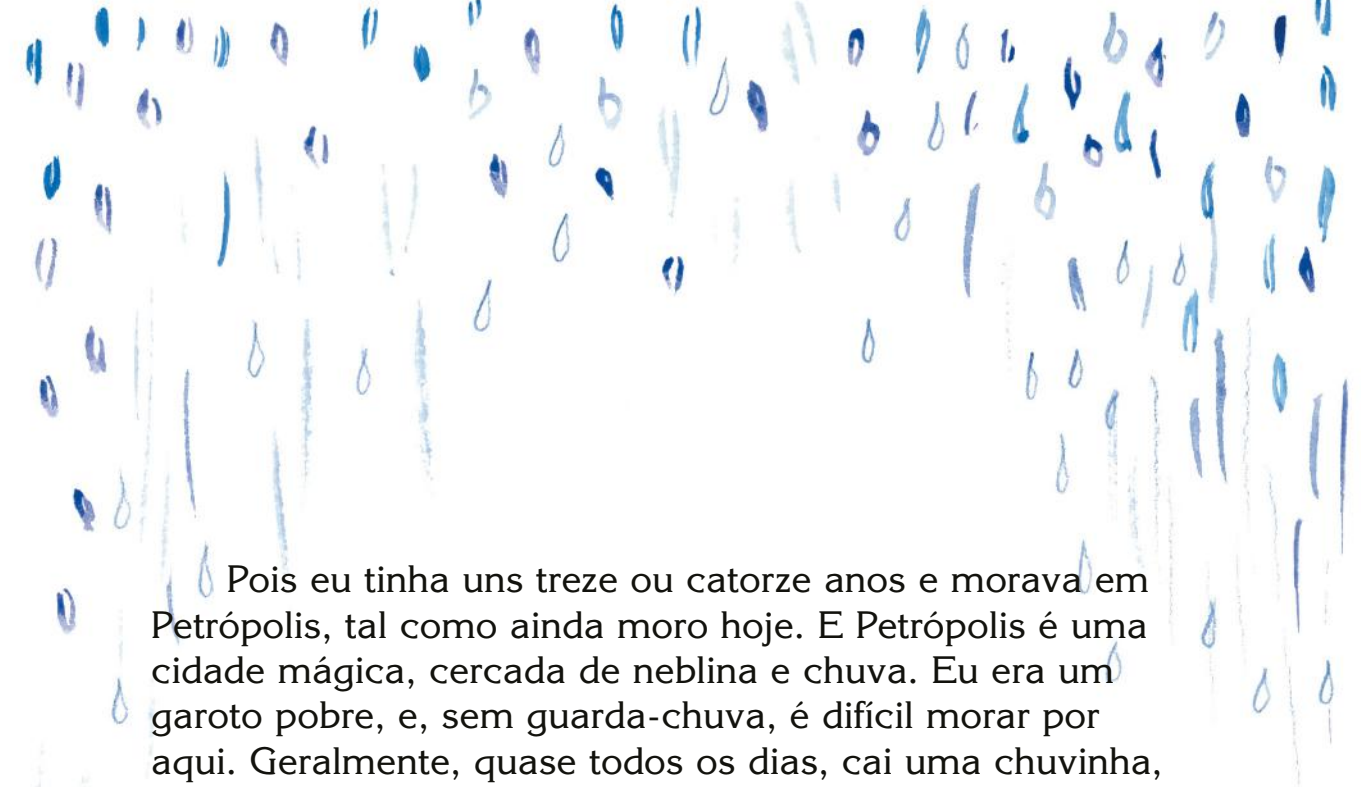
Você vai achar que o capítulo primeiro do livro ficou
meio curtinho, mas Dito quer que seja assim. Ele é rápido,
imediato, entende?
Hoje, Dito tem noventa e nove anos, mas já teve treze
e conta-reconta, com a mesma gargalhada:



Eu tinha treze anos e morava numa estrada, lá pras bandas da fábrica. Naquele tempo, pra se subir esta serra era só de trem, trem de muita viagem e fumaça. A viagem era uma gostosura, mas tiraram o trenzinho, ficou somente a mesma neblina gorda, que deita e rola pelas montanhas. Eu garanto uma coisa pra vocês, pode parecer caduquice, mas estou velho por fora, cabeça funcionando “nos trinques”. Garanto: a neblina é coisa um tiquinho mágica.

Vou terminar este terceiro capítulo. Odeio capítulos longos, vocês já devem ter percebido.





Pois eu tinha uns treze ou catorze anos e morava em Petrópolis, tal como ainda moro hoje. E Petrópolis é uma cidade mágica, cercada de neblina e chuva. Eu era um garoto pobre, e, sem guarda-chuva, é difícil morar por aqui. Geralmente, quase todos os dias, cai uma chuvinha, ou uma chuvona, ou uma tempestade. Depende da neblina. Não que a chuva venha da neblina, mas a neblina gosta das umidades... Mas essa é outra história.

